

Mensagem 96

Paris, 19 de Junho de 2006.

“Chuno Nahi, Suno”
“Maano Nahi, Jaano”
“Samvaad Nahi, Sannaata”

Na mensagem 81, escutámos o ensinamento de Lahiri: “*Bhaago Nahi, Jaago*” fazendo um apelo não para fugirmos dos relacionamentos e da responsabilidade, mas sim para reforçarmos o processo de auto-conhecimento, considerando os relacionamentos como espelho, que nos permitam despertar para a liberdade, apesar do relacionamento, não permanecendo adormecidos em construções e formulações da mente. Vamos agora reflectir sobre outras melodias da mesma fonte, uma por uma:

“Chuno Nahi, Suno” = “Não escolhas, escuta somente”.

Nós não escutamos, não prestamos total atenção porque o “Eu” é desatenção, por causa das pesadas fragmentações na consciência separativa do corpo. Rapidamente optamos por escolhas, selecções, classificações resultantes de pressões e preconceitos do passado, apego e aversão e muitos outros factores tais como: dados culturais, convenções e condicionamentos. Por isso, não conseguimos escutar em estado de total passividade/ desapego/inocência/receptividade (*let-go*), de não-tendenciosidade e de amor. O escutar não acontece devido à interferência incessante de um ouvinte em permanente divisão. Isso impede que aconteça uma mudança radical no entendimento, uma transformação fundamental na psique. De facto, nós não escutamos calmamente, enquanto permanecemos ocupados em re-construir, re-ajustar e re-embelezar a fragmentação fictícia que é conhecida por “Eu”, eu superior, *atma*, alma, espírito, individualidade, personalidade, aura, mente, ego, corpo astral, e por muitos outros disparates gratificantes e reconfortantes. Um corpo que escuta, com todo o seu coração, e no qual a liberdade relampejou, sem passar por qualquer “experiência”, é a condição fundamental. Isto é Swadhyay. Pode projectar “aquele que escuta” para a liberdade, instantaneamente. Mas se tal não acontecer, devido à rigidez prevalecente naquele que escuta, então, por favor, escutai de novo e de novo, por amor de Deus. De repente, nalgum momento, aquele que escuta irá certamente ser projectado para a liberdade, sem registar qualquer conhecimento ou experiência. Não esperem o que quer que seja, enquanto escutam. Todas as expectativas são meramente viagens do ego. E todas as viagens do ego são movimentos na direcção errada, não na direcção do mais Sagrado!

“Maano Nahi, Jaano” = “Não acredites, mas conhece”

“Não entres em empreendimentos mentais, mas obtém a liberdade do entendimento”

“Não concordes ou (discordes), meramente, mas disponibiliza-te para a realidade”.

Perdemo-nos no atoleiro do conhecimento adquirido em livros e através de charlatães do mercado espiritual. O conhecimento proveniente de terceiros é útil no mundo técnico. Mas em assuntos profundamente religiosos e espirituais, a verdade tem de ser descoberta por si próprio e para si próprio, uma vez após outra, e também momento a momento. Nenhuma teologia, nenhum sistema de crenças, nenhuns conceitos nos podem ajudar a libertarmo-nos das nossas estúpidas procuras & delusões. Este “Maano Nahi, Jaano” é um pequeno e doce convite ao mundo das percepções que transcendem o domínio dos conceitos e das conclusões.

“Samvaad Nahi, Sannaata” = Nada de tagarelices nem bisbilhotices, mas sim Silêncio profundo.

O pensamento mantém-se sempre em alvoroço devido à agitação e à agonia. Os pensamentos projectam um “pensador” para se manter através da dualidade. Quando o pensamento está consciente

dele próprio, sem a emergência do “pensador”, ele funciona somente para coordenação, para realizar as tarefas diárias como e quando necessário. Então os pensamentos tornam-se descontínuos de tempos a tempos e a divindade do silêncio profundo é então possível. O “pensador” tenta desesperadamente dar continuidade e permanência a si mesmo, através de “Deus” e crenças, “almas” e re-nascimentos, “céu” e “inferno” e por aí adiante. Nas actividades do “pensador” não podem ser antecipados o êxtase do Silêncio do Espaço e a Energia da Inteligência Universal (*Chaitanya*).

Deixai todos os vossos apetrechos psicológicos, defesas, dependências, encontrar uma morte fortuita, para permitir que a vida dance no vosso corpo, tal como uma folha de erva que surge através do pavimento tem a sabedoria para suportar a morte acidental e ressurgir, em vida, uma vez após outra! A criação nunca está na mão do “pensador”. A criação cessa quando o “pensador” com o seu orgulho e preconceito, assertividade e arrogância, corrupção e confusão, se torna dominante. A Criação (Silêncio) é o movimento da incognoscível essência do todo. Nunca poderá ser a expressão da parte (“pensador”).

OBRIGADO SILÊNCIO